sobre a noção de suplência no tratamento psicanalítico

Christian Ingo Lenz Dunker

análise e negatividade

Não há progresso. O que se ganha de um lado, perde-se de outro. Como não se sabe o que se perdeu, acredita-se que se ganhou.

J. Lacan

O progresso da análise acaba por mostrar sob qual forma de negatividade o cálculo do gozo organiza os sintomas para cada sujeito. É comum que para o obsessivo este reconhecimento possua a marca do indecidível, do incontável ou do inescapável. Na histeria, por sua vez, o caminho de redução do gozo do sintoma muitas vezes está marcado pelo encontro com o indiscernível ou com o inominável. A experiência do negativo habita, como vimos, as inúmeras formas de encorpsificação do gozo, no discurso, no corpo e no Outro. Nessa parasitagem, o gozo aparecerá sempre *in negativo*, como resto a mais ou a menos, mas sempre sob a sombra da totalidade.

Até certo ponto Lacan acreditou que esta negatividade poderia ser incorporada ao desejo. O trabalho do desejo e do simbólico, como figuras do negativo, poderia levar o sujeito a uma dialetização desta experiência exterior. Mas, como mostrou Guyomard,[1] há um gradual declínio dessa esperança dialética em Lacan. O que se vê surgir em seu lugar é uma teoria da suplência, como tentativa de cernir o indefinível, o resto, o dejeto, sem ao mesmo tempo torná-lo um terceiro elemento, a ser incluído ou excluído.

[1] Cf. Guyomard. *Do gozo trágico*, 1998.

A *suplementariedade* é um conceito que aparece contemporaneamente em Lacan e no pós-estruturalismo. Na teoria da desconstrução, por exemplo, a "lógica da suplementariedade" envolve um programa crítico de ruptura com formas de leitura e interpretação de texto baseadas na imanência do sentido e no fechamento da significação. A idéia de totalização do sentido supõe uma complementariedade entre autor e leitor, ou, ainda, entre texto e contexto. Essa circularidade participaria de uma crença, a ser desconstruída,

na identidade do sentido. A suplementariedade constitui, assim, uma ênfase conceitual baseada na *diferênsia*, na repetição diferenciante e, ao mesmo tempo, uma alternativa ao dualismo estruturalista. Esse é o lugar concedido por Derrida, por exemplo, às noções de *pharmakon*,[2] de *hímen*[3] e de suplemento. Por suplemento cabe notar que:

> Em francês esta palavra designa tanto uma adição quanto uma substituição. É, portanto, o outro que "ingressa", o exterior que adentra, a diferença que vira identidade. O resultado é que o *suplemento* "não é nem mais nem menos, nem exterior nem complemento interior, nem acidente nem essência etc".[4]

A expressão usada por Freud para investigar o fenômeno do estranhamento (*unheimlich*) pertence a esta série da suplência. O *Unheimlich* indica, simultaneamente, o familiar e o estranho, mas o que o torna realmente suplementar é que, após a análise ligüística desconstrutiva empreendida por Freud, percebe-se justamente que não há uma oposição complementar entre o familiar e o estanho, que entre eles há uma espécie de desproporção.

Lacan, por sua vez, emprega a noção de *suplência* em três contextos distintos:

a) Para designar a função estabilizante do delírio na psicose. Assim, a foraclusão do Nome do Pai é suplementada, mas não complementada, pelo delírio quando este ganha uma forma específica.
b) Para designar a função do amor na sua relação com a castração. Assim, o amor suplementa, mas não complementa a falta inaugurada pela castração.
c) Para designar a relação entre o Outro gozo e o gozo fálico. Assim, o gozo feminino suplementa o gozo fálico, mas não o complementa, posto que este continua a articular-se a partir da falta fálica.

De certa forma, o tema *suplência* aparece na obra de Lacan como representante de um giro decisivo, iniciado a partir de 1968, com o *Seminário 16* (*De um outro ao Outro*). Neste seminário, a dialética entre falta e totalidade, entre alienação e separação encontra um limite. Este limite aparece, inicialmente, pelo reconhecimento da relação não-dialética entre gozo e desejo.

As teorias sobre a suplência, e a transformação clínica que delas decorre, implicam no claro reconhecimento de que a relação entre a causa significante do desejo (a função fálica)

[2] Ou seja: "a polissemia regular, ordenada que por desvio, indeterminação, ou sobredeterminação, mas sem erro de tradução permitiu passar a mesma palavra, como veneno, droga, filtro, etc. Por esta capacidade, *pharmakon* é, antes e sobretudo, poderoso porque ambivalente e ambivalente porque poderoso". Cf. Derrida. *Dissemination*s, p.71-99.

[3] Palavra que designa tanto "membrana" (separação) como "casamento" (união), nem virgindade nem violação, nem véu nem desvelamento.

[4] Bauman. *Modernidade e ambivalência*, p.65.

e o objeto que a sustenta (objeto *a*) é uma relação inconsistente. Entende-se por inconsistência, no sentido formal sugerido pela lógica dos conjuntos, o estado de um sistema em que dois ou mais teoremas conduzem a interpretações incompatíveis. Quando afirmamos que a função fálica é inconsistente em relação ao objeto *a*, não se deve supor uma disparidade entre o falo e o objeto, mas que entre as diversas operações de ciframento do objeto (teoremas) há uma não-complementariedade. Isso já fora intuído por Lacan desde sua conferência sobre a significação do falo (*Die Bedeutung des Phalus*),[5] mas só encontrou uma sólida demonstração em 1968 no *Seminário 16*. Neste seminário, Lacan encontra uma espécie de análogo matemático para o problema.

[5] Cf. LACAN. A significação do falo, 1999.

função fálica: fazer parte e ser elemento

A função fálica é uma função de pertencimento. Desde sua origem, ela trabalha metonimicamente com a imagem elementar do que falta ao outro. O narcisismo é uma crise da função fálica decorrente do fato de que um elemento não pode pertencer a si mesmo. Um elemento pertence sempre ao Outro. O sujeito só existe, neste sentido, como efeito do Outro, como efeito do significante. O falo pode ser definido como elemento que falta ao Outro e, retrospectivamente, como elemento que divide o sujeito, causando seu desejo.

Se perguntarmos sobre a consistência deste elemento, o falo, encontraremos sempre a dimensão da falta, da hiância, da carência constitutiva do ser. A dialética domina a compreensão deste elemento fálico desde as variantes da incidência do Outro (Simbólico, Imaginário ou Real) até os modos de inflexão da falta (privação, castração, frustração) e as formas de sua veiculação (demanda, desejo, necessidade, amor). Temos sempre o elemento e o conjunto em uma relação de dupla negação sobredeterminada.

Essa negatividade aparece em torno do elemento fálico em atributos, tais como seu caráter "impronunciável", sua dimensão de "velamento", mas, principalmente na aproximação com o zero, definido como o conjunto vazio. Ora, o conjunto vazio é tal que nenhum elemento lhe pertence. Ele funciona como elemento neutro em muitas operações justamente porque é uma espécie de letra daquilo que não possui valor simbólico. A ruptura da função fálica associa-se a formas clínicas ligadas à angústia (neurose de angústia, neurastenia) e ao fracasso da construção de sintomas (depressão, inibição). Tais formas clínicas mostram o significante fálico como elemento separado ou

excessivamente incluído no campo ou conjunto do Outro. Isso decorre de uma propriedade do significante fálico: por não conter nada dentro de si, pode funcionar como elemento para qualquer conjunto (exterioridade radical do significante fálico no campo do Outro). Mas, ao ser elemento potencial de qualquer conjunto, ele não será elemento específico de nenhum conjunto (interioridade radical do significante fálico no campo do Outro). Isso permite deduzir da função fálica formas de pertencimento ao Outro, formas de ancoragem na linguagem. Heidegger chamou esta última possibilidade de comum-pertencer. Este pertencimento fálico informa-nos, assim, sobre uma possibilidade existencial: aquela que gravita entre ter ou ser o falo.

Mas há um segundo sentido para a ex-sistência, que se mostra irredutível ao comum-pertencimento. É quando o pertencimento dá-se como *parte* e não como *elemento*.[6] Algo é parte de um conjunto quando tudo o que pertence à parte também pertence ao conjunto. Neste sentido, a parte pode ser igual ao conjunto. Ora, a parte que interessa a Lacan é justamente a parte vazia, a "libra de carne perdida", a parte que é também nada. Observe-se que a falta e o nada sobrepunham-se como figuras indistintas da negatividade até o seminário em questão. Depois disso, a falta, como atributo do elemento fálico, e o nada, como atributo do objeto a, tornam-se divergentes. O objeto *a* é não-especularizável justamente porque o nada não pode ser representado em imagens, em significantes ou em sujeitos. O nada, assim como a quantidade, no sentido freudiano, é da ordem do real, ou seja, sem qualidades.

Um filme como *A bruxa de Blair* explora esta propriedade do objeto *a* justamente para produzir um esvaziamento do caráter fálico da realidade. Algo, que é deduzido do olhar, da movimentação e da angústia dos personagens, mas que jamais é visto, domina todo o encadeamento da trama. Efeito similar já havia sido explorado por Hitchcock em *Psicose* e por Ridley Scott em *Alien*. A presença do objeto real tem sua intensidade aumentada à medida que não há nenhuma referência fálica que indique seu sentido.

Lacan, no *Seminário 8*, propõe uma fábula que ilustra este efeito. Trata-se de imaginar o próprio Lacan fantasiado de louva-deus macho, preso em um recinto onde é olhado por um louva-deus fêmea gigante. A angústia de ser devorado-copulado por este ser indica como o único sentido possível para o objeto *a* (o olhar insetívoro) é o falo (a fantasia de louva-deus macho). Tal sentido é equívoco e mítico, como comenta Vieira.[7] Mas o objeto *a* sendo, por definição, não-especularizável, jamais

[6] Cf. Badiou. Um, dois, três, quatro e também zero, 1994.

[7] Vieira. *A ética da paixão – uma teoria psicanalítica do afeto*, p.169.

poderá ser completamente compatível com o falo. Eis o impasse do cálculo do gozo.

o sentido (*sinn*) e a significação (*bedeutung*)

No *Seminário 16*, Lacan afirma que o objeto *a* é a significação (*Bedeutung*), no sentido empregado por Frege. Acrescenta, ainda, que na sua conferência sobre o falo, de 1958, a significação que dá título ao artigo deve ser lida no sentido que Frege atribui ao termo. Ora, isso significa que podemos ler, em 1968, "a significação (*Bedeutung*) do falo" como "o objeto *a* do falo". Isso implica ainda que a relação entre objeto *a* e falo é uma relação homóloga à que existiria entre sentido (*Sinn*) e significação (*Bedeutung*) na filosofia da matemática de inspiração fregeana. Sobre este ponto, Frege é claro:

> Se, em geral, julgamos que o valor cognitivo de "a = a" e "a = b" é diverso, isso se explica pelo fato de que, para determinar o *valor* cognitivo, é tão relevante o sentido (*Sinn*) da sentença, isto é, o pensamento por ela expresso, quanto sua significação (*Bedeutung*), a saber seu *valor* de verdade (...). Apesar disso, o sentido (*Sinn*) de "b" pode diferir do de "a" e portanto o pensamento expresso por "a = b" pode diferir do expresso por "a = a", neste caso as duas sentenças não têm o mesmo *valor* cognitivo.[8]

[8] Frege. Sobre sentido e referência ("Uber Sinn und Bedeutung"), p.86.

A disparidade entre sentido e significação, entre função fálica e objeto *a*, ou ainda entre elemento e parte, mostra como ambos não formam, necessariamente, um conjunto. Daí Frege afirmar a função pluri-unívoca da verdade. A verdade não completa o saber, assim como o gozo não se completa com o desejo. Há, pois, uma disjunção entre o universal (representado pelo eixo castração-falo-desejo) e a totalidade (representada pelo eixo castração-objeto-gozo). Se, para o primeiro eixo, Lacan consegue reaproveitar a dialética, no segundo, ele vê-se obrigado a defender a curiosa lógica do "não-todo".

Como afirma Porge, no *Seminário 16*, Lacan não objetiva apenas recusar a *Selbestbewustsein* hegeliana (o Outro como totalidade consistente), mas produzir um saber sobre esta incompletude, ou uma prova lógica deste fato:

> A é ao mesmo tempo o conjunto que inclui os conjuntos {S1, S2} (não ordenado) e {S1} e (S1, S2) (ordenado) (...). A é ao mesmo tempo o Outro significante e o significante da alteridade, ou seja da relação com o Outro.[9]

[9] Porge. *Os nomes do pai em Jacques Lacan*, p.129.

Assim, uma antiga tese de Lacan acerca do significante da falta no outro [S(Ⱥ)] encontra um desdobramento: de um lado, a falta, a hiância fálica; de outro, o vazio, o buraco, a fenda do objeto *a*.

Desta descontinuidade ou desta "*diferência*", Lacan desenvolve a necessidade teórica e clínica da noção de *suplência*, em suas inúmeras versões desenvolvidas nos anos posteriores: o mais-de-gozar (1969), a letra (1970), o outro Gozo e o amor (1971) e o *sinthome* (1972).

cálculo do gozo e desenvolvimento da análise

Pode-se dizer que, a partir disso, há uma mudança com importantes conseqüências clínicas. Não se trata apenas de mostrar a inconsistência do cálculo do gozo, uma vez que o falo e o objeto *a* não constituem uma totalidade, ou seja, não fazem Um.

A renúncia ao cálculo torna-se, assim, abertura para uma certa ambigüidade produtiva. O cálculo como operação constitutiva do sintoma não visa recobrir ou interditar esta ambigüidade, mas, ao mesmo tempo, situa-se como uma via alternativa para a pulsão.

Freud dizia que a cura em psicanálise ocorre por acréscimo. Podemos dizer que, para o último Lacan, a cura está na suplência. Clinicamente, isso permite a divisão da análise em duas partes. A relação que o pequeno Hans mantém com o seu sintoma é emblemática desta primeira fase do tratamento: o gozo do sintoma, diz ele, não conta, é uma "besteira". No início, o próprio sintoma, segundo a imagem formulada por Freud, é comparável a uma bela dama que um dia aparece subitamente em uma cidade. Como não se sabe de onde veio, espera-se que um dia, igualmente sem aviso, vá embora. Na primeira parte, o cálculo do gozo é levado ao seu ponto de paroxismo. Os caminhos da formação de sintomas são refeitos e as articulações significantes para sua redução, subjetivação e deslocamento são realizadas. Isso nem sempre redunda em uma remoção do sintoma, mas sempre em uma redução da sua capacidade de engendrar sofrimento.

A segunda parte da análise geralmente começa quando o sujeito sente "saudades" de seu sintoma e vê-se diante da difícil tarefa de encontrar um novo destino para o que se precipitou a partir do trabalho da transferência. De fato, é apenas neste segundo tempo que a expressão genérica "o sintoma" é propriamente aplicável. No começo, há apenas sintomas, diversos e desarticulados entre si. Sintomas em crise de gozo, ou gozo em cálculo estável, delimitado pelo caráter. O meio da

análise, se é que pode sustentar a ambigüidade desta noção, foi muito bem examinado por Nasio através da chamada "crise transferencial", ponto onde se coloca agudamente a possibilidade de uma interrupção, mas também onde fica claro o esgotamento do caráter fálico da transferência. Se no primeiro momento o trabalho orientava-se para as vicissitudes do cálculo do gozo no segundo momento começam a ganhar força os temas e as questões ligadas à suplência.

referências bibliográficas

BADIOU, Alain. Um, dois, três, quatro e também zero. *Para uma nova teoria do sujeito.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência.* Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DERRIDA, Jacques. *Disseminations.* Paris: Athlone, 1981.

FREGE, G. Sobre sentido e referência ("Uber Sinn und Bedeutung"). *Lógica e filosofia da linguagem.* Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo: Cultrix-EPU, 1978.

GUYOMARD, P. *Do gozo trágico.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. A significação do falo. *Escritos.* Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro 16* – de um Outro ao outro, 1968. (Inédito).

NASIO, J. D. *Como trabalha um psicanalista.* Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

PORGE, E. *Os nomes do pai em Jacques Lacan.* Trad. Celso Pereira de Almeida. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

VIEIRA, M.A. *A ética da paixão – uma teoria psicanalítica do afeto.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

resumo

O objetivo deste artigo é mostrar como a noção de *suplência* desenvolve-se no ensino de Lacan especialmente a partir do reconhecimento do esgotamento da lógica da negatividade de inspiração hegeliana. Além dessa transformação teórica, já assinalada por alguns comentadores, procuraremos indicar como a noção de *suplência* permite superar os impasses de uma clínica organizada pela reestabilização do cálculo do gozo. Neste sentido, argumentaremos que o conceito de *suplência* é particularmente útil na compreensão das vicissitudes que distinguiriam um primeiro segmento do tratamento psicanalítico (marcado pelo cálculo do gozo) de um segundo segmento do tratamento analítico, marcado pela aparição de modulações do sintoma e da pulsão próprias à lógica da suplência.

abstract

This paper intends to indicate how the notion of *supplement* is developed in the work of Lacan, specially from the recognition of an exhaustion of the logic of negativity in the hegelian sense. Besides this theoretical change which has been pointed out by some interpreters, we try to indicate how the notion of supplement allows for the overcoming of some difficulties of the clinic organized by the "calculation of *jouissance*". In this sense, we argue that the concept of supplement is particularly useful in the understanding of the eventualities which distinguished the first part of the psychoanalytic treatment (marked by the "calculation of *jouissance*") from the second part of it, where we can see the appearance of new modulations of the symptom and of the drive, connected with the logic of the supplement.